

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**NARRATIVAS FICCIONAIS EM UMA EXPERIÊNCIA
DE ENSINO**

Débora Brand Fortkamp Bennert

Trabalho de conclusão
de curso apresentado
como requisito da
disciplina BIO 7015 do
curso de Graduação em
Ciências Biológicas –
Licenciatura.

Orientador: Leandro Belinaso Guimarães

Florianópolis, 27 de Outubro de 2016

SUMÁRIO

Agradecimentos	03
Resumo	04
1.0 O caminho até aqui	07
2.0 Os dez caminhos da pesquisa	13
3.0 Construindo o ambiente de pesquisa	23
4.0 A Importância dos diários	31
5.0 Algumas narrativas ficcionais	36
5.1 Dois tempos Dois mundos	36
5.2 Meninas apenas	42
5.3 Tempos de escola	47
6.0 Linhas Conclusivas	51
7.0 Referências	54

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Aos meus pais, Geraldo e Albertina, pela educação que me deram.

Ao meu marido Wagner, pelo amor e carinho que me dedica a cada dia. Assim como a meu filho Pablo, por me permitir ser mãe.

A minha irmã Beatriz, por dividir comigo tantos momentos.

Aos meus padrinhos Bastião e Nice, por estarem sempre ao meu lado.

Aos meus colegas de curso, por dividirem as angústias os bons momentos.

A minha professora primária, Dalvalci, por me ensinar as primeiras palavras.

A minha professora Ana Maria, por despertar em mim o encanto pela biologia;

Aos meus professores acadêmicos, pelas horas dedicadas à minha formação.

Ao meu orientador Leandro, pela paciência e carinho.

Aos meus amigos, pelos bons momentos, apoio e amizade.

Aos alunos, professores e a coordenadora da EJA
Continente II, por me permitir compartilhar suas histórias.

Aos meus alunos, por tornarem meus dias mais
felizes.

As minhas colegas de trabalho, pelos ensinamentos e
companheirismo.

A minha terra natal, Anitápolis, por sem quem sou.

A Deus, pelo dom da vida.

RESUMO

A EJA (Educação de jovens e adultos) é uma modalidade de ensino que vem se firmando na sociedade brasileira entre outras modalidades do ensino básico, presente na trajetória escolar de muitas pessoas. Destinada a alunos, com idades variadas, que não tiveram a oportunidade de concluir as etapas escolares, pelos mais variados motivos. Visando dar nova oportunidade a essas pessoas, o município de Florianópolis junto a Secretaria de Educação municipal, direcionaram um novo currículo para essa modalidade de ensino. Dessa forma, a EJA do município se divide em dois seguimentos, sendo que o primeiro segmento compreende as primeiras séries do ensino fundamental (primeiro ao quinto ano), já o segundo segmento corresponde às séries finais do ensino fundamental (sexto ao nono ano). Esse traz a pesquisa como princípio educativo, e parte da própria curiosidade do aluno, para dirigir a introdução de novos conhecimentos dentre as diferentes áreas de ensino. Entre as atividades previstas para um aluno do segundo segmento, está o da escrita de um diário, onde entre outras coisas, os alunos escrevem um pouco sobre suas histórias e trajetórias. São esses diários o objeto deste trabalho de conclusão de curso, a base para as narrativas ficcionais que escrevo ao longo desse

estudo. Utilizo-me da ficção baseada em fatos, lidos e observados, durante minha experiência de estágio. Procuro dar espaço aqueles que caminham, quase invisíveis, em nossa sociedade.

Palavras-chaves: Diários; Educação de Jovens e Adultos (EJA); Narrativas Ficcionalis, memórias;

1. O CAMINHO ATÉ AQUI

Nasci em Anitápolis, uma pequena cidade do interior de Santa Catarina, situada acerca de 100 quilômetros da capital catarinense – Florianópolis. Cresci na propriedade de um sitiante, onde meus pais eram caseiros. “Meu” pequeno reino encantado, constituía em uma grande área verde, isolada de qualquer perigo da civilização. Por ali andava, ainda muito pequena, observando a natureza. Quando adquiri a habilidade de escrever, passei a ter em mãos uma caderneta de anotações, nela estavam registrados todos os ninhos de passarinho que identificava ao longo das trilhas que fazia diariamente. Posso dizer que desde então tenho a biologia em mim.

Meu pai, agricultor, aprendeu desde cedo diversas funções. Poderia chamá-lo de pedreiro, carpinteiro, eletricista, coveiro, agricultor, pecuarista, roceiro, artesão, pintor, mecânico, mas o chamo de pai. Um homem simples que desde muito cedo aprendeu a trabalhar, mas ao longo de sua vida pouco lhe foi ensinado sobre o ler e o escrever. Ele cursou até a quarta série e domina as operações básicas, conseguindo ler e escrever, mesmo que com alguma dificuldade.

Minha mãe, agricultora, trabalhou muitos anos como enfermeira. Ela é muito conhecida na cidade, fez partos,

salvou vidas, tudo em um tempo em que o ensino superior era uma realidade distante daquele município. Ela estudou até a oitava série (atual nono ano), então teve que trabalhar, casou e teve suas duas filhas. Quando a mais nova (eu) cursava a quinta série (hoje o sexto ano) e a mais velha (minha irmã) cursava o magistério, ela fez então o ensino médio juntamente com o curso técnico de auxiliar de enfermagem. Curso oferecido na época pela prefeitura municipal de Anitápolis. Hoje, atua como agente de saúde em sua comunidade, orgulhosa de aprender aos seus sessenta e poucos anos a usar o computador.

Suas filhas foram letradas em uma escola isolada, isto é, em cada comunidade do interior do município de Anitápolis havia uma escola, constituída por duas salas, uma cozinha e dois banheiros. Em cada escola atuava apenas um pedagogo, que dava aula no período matutino para alunos do pré-escolar à quarta série, em uma mesma sala. Foi em uma escola assim, com a professora Dalvaci Soares que aprendi a ler e escrever. Na Escola Isolada São Paulo dos Pinheiros.

De lá segui minha trajetória educacional, na Escola Educação Básica Altino Flores, colégio estadual, onde toda minha família estudou. Era, então, a única escola da cidade (pertencia à última turma das escolas isoladas). Ali atuava uma professora de biologia chamada Doura Ana Maria

Batista. Foi ela a responsável por semear em meus sonhos, uma semente que hoje dá frutos: cursar Biologia.

Mas como fazer? Mal sabia chegar à capital, quem me dera à universidade. Era uma realidade muito distante. O tempo passou, comecei a namorar, formei-me no ensino médio.

No mesmo ano se instalou no município um pólo à distância, da UNIGRAN, no qual iniciei a graduação em pedagogia, incentivada pela minha mãe. Mas não era o que queria, o meu objetivo era o curso de Biologia. Então passei a procurar por ele, até descobrir que a UFSC ofertava um curso de graduação em Ciências Biológicas no período noturno, era a minha oportunidade.

Realizei o exame do ENEM – no qual alcancei boa pontuação. E prestei vestibular, no qual passei. No mesmo momento, meu namorado recebia também uma boa notícia, havia passado no vestibular do Colégio Agrícola – campo do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina), em Camboriú. Mas junto com os bons resultados alcançados, por mim e por ele, outra notícia, estava grávida. E agora, a única alternativa visível era desistir.

Porém, meus pais, maravilhosos, não permitiram que isso acontecesse, nem eu nem meu namorado (atual marido) desistimos. Mas e agora, não tinha como, grávida e sozinha,

vir morar em Florianópolis. Além disso, meus pais não tinham condições de me dar este conforto.

Mas havia uma pessoa, Tarcísio Fernandes (conhecido e chamado como Ciso) motivado pela graduação do filho que havia passado no vestibular da UNISUL para Engenharia Civil, e também, não poderia vir morar na Palhoça, assim como tantos outros jovens do município de Anitápolis. Desta forma, formou-se um grupo de alunos, de cursos e faculdades diferentes que eram transportados pelo Ciso, diariamente de Anitápolis até a faculdade e vice-versa. Primeiro foi um carro, depois uma van e, então, já com ajuda da prefeitura, um micro-ônibus. Vim com ele, minha mãe pagava o ônibus, e eu ia e voltava de Anitápolis à UFSC todos os dias. Uma viagem que começava às 16 horas e terminava por volta da 1 hora da madrugada.

A pedagogia me deu emprego, meus pais oportunidades. Hoje, meu filho tem cinco anos, e estou morando no município de São José com meu marido. Trabalho como pedagoga e caminho para concretizar o grande sonho: a formatura se aproxima.

Surge então à necessidade de realizar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O que fazer? Meu objetivo era ajudar meu município a se descobrir, iniciei a pesquisa no laboratório de anfíbios e répteis junto ao professor Dr. Selvino Oliveira, a fim de criar um guia didático da fauna de

anfíbios anuros de Anitápolis. Mas o tempo requerido para campo, laboratório e análise e formação de dados ultrapassou às 24 horas do meu dia. Sem conseguir conciliar tudo: a rotina de mãe, professora, estudante, mudei de planos.

A disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino de Ciências me trouxe um novo foco, na verdade há muito tempo presente em minha vida. Movida pelo horário, optei por efetivar esta disciplina na educação de Jovens e Adultos – EJA, na Biblioteca Barreiros Filho, localizada do bairro Estreito, município de Florianópolis.

Ali, deparei-me com uma proposta pedagógica bem diferenciada, na qual a base é a pesquisa. Mas, defrontei-me também com bonitas histórias de vida, de pessoas que como meus pais, não puderam estudar e buscaram isso muito longe da idade/série convencionais. São essas pessoas, suas experiências, seus relatos, que se transformaram na base da minha pesquisa.

2. OS DEZ CAMINHOS DA PESQUISA

Esta pesquisa se baseia em relatos feitos por diversas pessoas, em diários escritos e assinados por alunos que já se formaram na EJA de Florianópolis continente II e por aqueles que ainda estudam nessa modalidade de ensino. São fragmentos que utilizam da narrativa, para buscar compreender que histórias esses alunos contam sobre seus cotidianos e quais suas relações com o processo educacional em que estão inseridos. Aproprio-me para tal, do argumento dito por CHAVES (2000), Citado por ARAGÃO, (2011): “... A narração harmoniza-se duplamente: com minha intenção de contar, relatar o experienciado, e com o meu propósito de elucidar percursos e percalços que constituem a trajetória de processos de investigação” (p.32).

Mas, o meu narrar, não se faz em apenas recontar fatos e palavras que me foram contadas. Durante a minha narrativa referente às histórias desses alunos, incluo a minhas observações, minhas memórias, de uma pequena experiência entre eles, vivências e convivências com o mundo ao qual eles se inserem.

Não apenas recrio em palavras os caminhos traçados por esses alunos, mas também crio, de certa maneira, narrativas temperadas com minhas próprias interpretações dos fatos e relatos a mim dispostos. Além disso, durante

minha experiência entre os alunos da EJA, fui por eles acolhida, mas não era parte integrante do grupo e sim uma observadora que vivenciou diferentes momentos, assim como nos diz Reigota (1999):

O pesquisador pode representar como um ator de teatro e na verdade representa um papel, quando se envolve e vivencia culturas, hábitos e costumes de grupos muito diferenciados dos seus. Por mais verídico que seja o seu papel e por melhor que seja sua performance, está “representando” um papel, com tempo e espaço semidefinidos. (p. 70);

O narrar é uma prática comum ao ser humano. A cada nova experiência, costumamos contar nossas vivências para aqueles que nos cercam. Assim como nos diz Aragão & Souza (2011) a “narrativa ocupa um lugar importante nas mais variadas disciplinas ou campos de saber, talvez porque narrar seja inerente do ser humano.” (p.15). Na EJA, no entanto, mais que relatadas oralmente pelos alunos, essas narrativas humanas dispostas em diários nos contam as mais variadas histórias, dos mais variados tempos. Estão temperadas com a alegria de descobrir o poder de ter voz, e a sensação de conquistar um novo saber. São essas vozes que busco dar vazão ao longo desse trabalho.

Quando tenho um diário em mãos, escrito por pessoas com experiências diversas, me encontro em um mundo paralelo. Nesse momento, não sou nem aluna nem professora, sou uma observadora da história em movimento, contada por quem a viveu e a construiu. Mas não posso dizer que apenas os diários me contam essa história, seria injusto. A existência dessa pesquisa saiu de uma experiência de estágio, recheada de encontros com aquele que escreveu e criou o diário. Conversas informais, com seres distintos, mas unidos em prol de um único objetivo, o da descoberta.

Assim, aproprio-me do dizer de Reigota (1999) quando ele diz: “obtive meus “dados” no tempo de beber um café (...) de uma caminhada pela cidade, ou da convivência cotidiana, (...) durante meses” (p. 72), não os anotei, nem tão pouco os analisei como códigos a serem decifrados ou descritos, apenas os contei, como quem conta a história de sua vida. Acrescento a cada um dos relatos, minhas próprias interpretações, talvez diferentes das dos leitores, mas baseadas na formação de meu próprio ser.

Arrisco dizer ainda, que utilizo também de minha própria memória, da minha construção, a partir das observações e impressões, durante toda a vigência a pesquisa. Assim como nos fala Aragão & Souza (2011) “a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e

as possibilidades de narrar às experiências.” (p.38). Ao escrever, portanto, não esboço a realidade como se apenas a descrevesse, utilizo-me da ficção, baseada em minhas próprias interpretações adquiridas ao longo de minha vivência. Não são, portanto, meros relatos, e sim narrativas ficcionais baseadas no cotidiano de seres diversos, e contada de forma a dar escuta a cada história, através de personagens criados pela imaginação de quem os observa, os vivência.

Tantos alunos da EJA, unidos em tantas histórias diferentes, parecidas, opostas, formam em minha mente um único ser. Assim como nos fala Aragão & Sousa (2011), “os pesquisadores são investigadores narrativos buscando recolher essas vidas, descreve-las e, por sua vez contar histórias sobre elas, escrevendo seus relatos de tais experiências em uma narrativa.” (p.24). Assim o busco fazer, trago as experiências lidas e observadas, descritas em narrativas ficcionais, as quais gostaria de compartilhar, pois de certa forma, cito essas pessoas enquanto me apropriou delas assim como afirma Fischer (2005):

Ao utilizar um autor na escrita acadêmica, nós de certa forma o reescrevemos, nós nos apropriamos dele e continuamos sua obra, tencionamos o conceito que ele criou (...) ultrapassa, vai além dos objetos que o autor elegeu –

justamente porque nossa história é outra,
nossos lugares e tempos são outros. (p.
120)

A leitura dos diários me deu informações redigidas pelos alunos, mas a interpretação delas dependia de mim e seria diferente da interpretação direcionada por outros leitores. Afinal, o que entendo do que leio em muito se baseia na minha experiência junto à EJA, em minhas observações e conversas informais com os professores, assim como a minha própria experiência ao longo de minha curta jornada na vida. Desta forma, o que escrevo são narrativas ficcionais que retratam o que me foi possível ver com as letras que acionei e dos personagens que construo ao ler esses diários.

Assim nos diz Souza (2011)

Ao realizar uma pesquisa narrativa, o pesquisador pode negociar significados de interpretação com os participantes. Entretanto, o pesquisador não é neutro e as interpretações que faz às vozes, às notas de campo, aos documentos consultados e a outras possíveis fontes de construção de dados, estão impregnados

de suas próprias concepções, crenças e ideologias e utopias. (p.70).

Apenas reescrever o que por esses alunos foi dito, ao longo do diário, seria o mesmo que ser indiferente às ricas histórias ali relatadas. Uma tarefa certamente impossível de ser feita por quem os lê, e ainda mais por quem com eles convive. São mundos que nos levam a uma fantástica viagem pela mágica da vida e de seus pesos e valores. É como começar a descobrir o porquê de cada diferença entre os seres que a vivenciam, e se perder nas respostas.

Tantas histórias, tantas vidas a serem contadas, trazem ao pesquisador um desafio “como distinguir, separar, utilizar informações que são quase como confidências feitas em conversar entre amigos, parceiros, cúmplices” (REIGOTA,1999 p.71) sem ultrapassar os limites éticos essenciais no campo científico? Surge então a possibilidade de explorar a ficção, com base na realidade observada, através de narrativas que contam o que foi vivenciado, sem apontar para uma única direção. É a possibilidade de dar escuta a muitos nomes, histórias.

Os diários selecionados são todos provenientes do núcleo EJA - continente II, situado na Biblioteca Barreiros Filho, no Estreito, onde realizei meu estágio supervisionado

em ciências. Aqui, enquanto investigadora, “escutei primeiro a história do sujeito participante da investigação, e que seja este sujeito o primeiro a contar sua história” (ARAGÃO, 2011, p.23) e transformei as mesmas em narrativas ficcionais, que trago nas páginas seguintes desse trabalho.

O EJA – Continente II envolve três pólos de ensino com alunos de faixas etárias e realidades socioeconômicas distintas. O primeiro se localiza na própria biblioteca, onde é também o núcleo central, que comanda os demais pólos. Aqui o público atendido é formado por pessoas com idades mais avançadas que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos, devido às condições impostas pela vida.

O segundo pólo é o do Aderbal. Nesse pólo, os alunos são mais jovens e se distanciam da idade/série em poucos anos. Na maioria dos casos, por serem repetentes, e terem idade suficiente para ingressar na EJA, são direcionados a essa prática de ensino pela própria direção da escola.

O terceiro pólo, e talvez o mais “crítico”, seria o do CEDEP, (Centro de Desenvolvimento Profissional) este localizado no Morro da Igreja. Ele atende a jovens criminalizados que foram presos, e estão em regime de liberdade com a condição imposta por um juiz de que vão estudar. Devido a impossibilidade burocrática de entrarem

em uma escola “convencional”, são acolhidos pela EJA que abre uma exceção em sua proposta pedagógica, direcionando-a para uma prática mais conceitual, já não mais tão dirigida a pesquisa. Dessa forma, as aulas se aproximam mais do formato dito como tradicional, onde as aulas são preparadas previamente e os conteúdos explicados e discutidos junto ao aluno.

Os diários que foram escolhidos para essa pesquisa levando em conta a distribuição desses grupos de forma a representá-los enquanto experiências distintas. Considerando o fato de terem sido redigidos por pessoas, não apenas de diferentes faixas etárias, mas por aqueles que vivenciaram as mais distintas experiências, que possuem motivos diferentes para estarem nessa modalidade de ensino, afastados de sua idade série.

São realidades distintas que busco analisar sem apontar problemas, ou até mesmo comparar, mas observo e me aproprio delas. Observo nessas escritas a forma como cada educando caminha pelo curso, o que muda desde sua entrada, até os últimos passos. Quais certezas esses alunos trazem, em que se baseiam? Afinal, por que escrevem? O que escrevem? Como escrevem? São perguntas que busquei responder ao longo das próximas linhas. Mas essas linhas não se inscrevem como simples relatos do que é lido, mas se

definem como narrativas ficcionais, escritos sob a realidade que interpreto quando leio os diários dos/das educandos/educandas da EJA.

Assim como nos diz Barcelos (2010) “Quando nos dispomos a pensar em educação de Jovens e Adultos não podemos esquecer-nos de levar em conta (...) o processo de silenciamento pelo qual passaram boa parte daqueles e daquelas que hoje, em idade adulta, tentam retornar à escola.” (p.44). Busco nesse sentido desfazer essa realidade, ao transmitir a história presente nos diários da EJA, quero dar escuta a quem fala. Acredito na importância de conhecer o caminho percorrido por aqueles que foram marginalizados pela sociedade, buscando assim reverter um pouco esse processo que se arrasta por anos.

3. CONSTRUINDO O AMBIENTE DE PESQUISA

A educação é antes de qualquer coisa, um direito de todo brasileiro/brasileira garantido por lei. Mas mais que educação, estamos a falar de ensino, e de como ele é direcionado. Há muitas modalidades, organizadas de acordo com as consecutivas faixas etárias de nossa população.

Mais do que um direito, “A educação pública de qualidade é uma das principais vias para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária. Nesse sentido se constitui como uma poderosa ferramenta para a mudança social.” (Unesco, 2005). Nas últimas décadas, no entanto esse direito vem sendo aprimorado, e melhor distribuído. Afinal não é difícil encontrar nas ruas de nosso país, pessoas aos seus quarenta e tantos anos, que não sabem sequer escrever o próprio nome além de outros tantos brasileiros que embora assinem seu nome, pouco conseguem ler. Essas pessoas, em seus diferentes locais de origem desse gigante chamado Brasil, tiveram sua trajetória escolar interrompida, pois precisavam ajudar suas famílias no sustento da casa, ou por outros motivos. São retirantes de um sertão, onde a lavoura dá o que comer a milhões de pessoas, mas que arranca gotas de suor de quem manuseia a enxada.

Comida na mesa não falta. Dedicção e amor aos filhos e a família, há de ter de sobra, mas não há dinheiro para mandar o filho para escola, tão pouca disposição destes meninos e meninas para encarar a sala de aula à noite, depois de um dia sofrido na roça, na faxina ou no “bico” de jardineiro. Dessa forma, eles/elas nem sempre vem, ou apenas se faz presente de corpo, mas não de mente. É nesse contexto que muitos quando ainda jovens, deixam de ser alunos/trabalhadores, para serem apenas trabalhadores, que vivem em um mercado de trabalho reduzido a tarefas que empenham maior esforço físico e menor remuneração. Em muitos casos, são profissões com imensurável importância, mas ao mesmo tempo taxadas e menosprezadas pelos grupos sociais.

Nessa perspectiva, segundo a UNESCO/2005:

A Educação de Jovens e Adultos – EJA, vem se constituindo nos últimos anos, como um campo estratégico contra a exclusão e a desigualdade social. Sendo assim, assume novos contornos e transborda os limites do processo de escolarização formal, e abarca aprendizagens em diversos âmbitos e ao longo de toda vida (2005)

Afinal, é essa desigualdade gerada pela imposição de estruturas sociais que essas pessoas, anos depois de terem abandonados seus estudos e estando agora com suas famílias instituídas, frente a uma nova realidade, ressurgem um velho sonho de voltar a estudar. Como é curioso, assim como uma criança, o adulto analfabeto, ou semianalfabeto, que agora se dirige a uma instituição de ensino intitulada como Educação de Jovens e Adultos – EJA, para realizar sua matrícula, também está ansioso! Assim, como nos diz Barreto (2006) “espera encontrar lá, aulas de ler, escrever e falar bem. Além é claro de operações e técnicas de aritmética” (p.65), afinal a escola é um lugar onde quem não sabe vai aprender com quem sabe (o professor) os conhecimentos para se ter um trabalho melhor e um lugar social mais valorizado.

Porém, que motivação tem em acompanhar aulas metódicas e conceituais, sobre os mais variados assuntos que parecem ser tão distantes de sua realidade, após um cansativo dia de trabalho? Nessa perspectiva surge um currículo diferenciado, fomentado pela pesquisa como princípio educativo. Surge a EJA da Secretaria de Educação de Florianópolis.

Segundo Nogueira (2007), o Núcleo da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação de

Florianópolis, por meio da Divisão Continuada (DEC) implementou em 2001, uma proposta diferenciada para essa modalidade de ensino, com a qual se parte do interesse do aluno, e se origina um projeto de pesquisa com: problematização, planejamento, coleta de dados, sistematização, elaboração do produto final e apresentação.

Sendo assim, o curso, de acordo com a resolução nº002/2010 art. 4º§2º, se organiza em dois segmentos:

- 1ª segmento: equivalente ao período de alfabetização e ao ensino fundamental inicial (primeiro ao quinto ano);
- 2ª segmento: equivale ao ensino fundamental final (sexto ao nono ano);

Ao decorrer do curso, há situações de entrosamento entre os dois segmentos, para que não ocorra uma segregação entre eles. Porém eles apresentam algumas semelhanças e algumas diferenças estruturais.

Segundo a resolução nº02/2010 art.12§ I e II, cada segmento tem uma duração de 800 a 1600 horas/aula efetivamente trabalhadas e distribuídas em quatro horas/aula por dia letivo.

No primeiro segmento as aulas são mais convencionais, nas quais o professor, um pedagogo, ministra a aula a um grupo de pessoas. Neste, embora busque práticas pedagógicas diferentes das aplicadas para o ensino regular, utiliza ferramentas comuns a esta outra modalidade de ensino.

Já no segundo seguimento, alvo deste estudo, apresenta uma proposta pedagógica bastante diferenciada, na qual se tem a pesquisa como princípio educativo. Nesse sentido, não encontramos um professor que ministra aulas a um grupo de alunos, tendo como base um assunto pré-determinado, ao contrário, a proposta parte de um interesse do aluno e origina desta um projeto de pesquisa.

Sendo assim, o aluno/aluna, uma vez matriculado/matriculada na EJA, traz para o professor um assunto sobre o qual gostaria de realizar uma pesquisa. A partir dele, com a mediação do professor cria-se uma problemática isto é, uma pergunta central que impulsionará todo o trabalho. Ao redor desta pergunta central, criam-se outras relacionadas, permeiam-se assim todas as disciplinas e áreas dos saberes, se levando em consideração as dimensões espaciais, temporais, sociológicas, entre outras. Um mapa conceitual, que aqui se chama mapa dos saberes, é elaborado.

Tomamos o mapa dos saberes como um imenso rizoma (...) sem começo nem fim, teremos infinitas possibilidades de transitar entre ele (...) articular vários campos, varias áreas. (OLIVEIRA, 2004 p. 24);

Essa proposta de ensino valoriza a construção do conhecimento pelo próprio aluno, gerada por uma relação crítica/constitutiva com o professor. Conforme nos assegura o parecer CNE/CEB nº06/2010, a pesquisa como princípio educativo explora as diversidades de saberes prévios dos educandos. E ainda entende que os fenômenos sociais, naturais e culturais não podem ser explicados pela simples justaposição de conhecimentos tratados por disciplinas isoladas e sim a partir de um olhar transdisciplinar.

É importante salientar que o aluno do segundo seguimento da EJA de Florianópolis não está preso apenas ao mínimo de três pesquisas, que precisa realizar para alcançar as horas de curso e se formar. Ele possui horas de curso que se dividem em HP (Horas de produção) e HPE (Horas de Produção Externas).

Nesse contexto, as HP referem-se às quatro horas, que podem ser alcançadas na realização da pesquisa ou outras atividades a ela relacionadas que ocorrem em sala.

Sendo assim, os alunos, ao se matricularem na EJA, não tem sua chamada baseada na presença ou ausência do aluno em sala, mas no uso de suas horas em busca de experiências de ensino.

Já as HPE são horas que podem ser alcançadas pelos alunos mediante a busca de experiências de ensino, fora da sala de aula. Dessas, surgem boas histórias, baseadas em músicas, viagens, sonhos e anseios. Elas somam um máximo de 25% da carga horária do curso, totalizada em 800 horas anuais, por seguimento.

4. A IMPORTÂNCIA DOS DIÁRIOS

*“O processo em que a vida como
biologia passa a ser vida como
biografia, talvez seja este o sentido mais
exato da alfabetização: aprender a
escrever sua vida como autor e como
testemunha de sua história.”
(Paulo Freire – Pedagogia do
Oprimido)*

Um aluno da EJA nunca chega sozinho. Ele trás em suas lembranças, ressaltadas pelas marcas em seu corpo, sejam elas cicatrizes ou marca de expressão, muitas histórias, que junto com as de tantos outros brasileiros, compõem a história desse imenso Brasil.

Quando acolhidos pela ideia de escrever um diário, os alunos, agora protagonistas de sua primeira aula, contam trechos de sua vida que demonstram por que essas pessoas estiveram por tantos anos fora de uma sala de aula, mesmo passando por aquela idade em que deveriam lá estar. Mas contam também um pouco do que a vida lhe ensinou. Demonstram sua visão do mundo, se sentem livres para falar.

Claramente, a escrita não flui tão facilmente nas primeiras linhas ou nas primeiras páginas. É preciso a quem escreve perceber que está sendo observado e valorizado, pelo que diz, e não por como diz. Dessa forma, o professor não lê

os diários a fim de corrigi-los, mas sim de respondê-los, como em uma conversa, franca, a qual discuta ideias e opiniões, mas sem julgar pelas escolhas e rumos tomados ao longo da vida. Os alunos assim, talvez pela primeira vez, ganham escuta:

“A voz é o sentido que reside no indivíduo e que lhe permite participar de uma comunidade... a luta pela voz começa quando uma pessoa tenta comunicar sentido a alguém. Parte desse processo inclui encontrar as palavras, falar por si mesmo e sentir-se ouvido por outros...” (BRITZMAM, *apud*. ARRAGÃO, p. 22, 2011);

Ao perceber que não será corrigido, o educando passa a usar seu diário para além do que lhe foi proposto inicialmente. Torna-se um espaço em que não há apenas palavras e frases que contam sua percepção de vida e de mundo, mas desenhos que expressam seus sentimentos naquele momento. Surgem expressões artísticas baseadas nas afinidades de cada um. Pode ser uma música composta pelo aluno ou por algum ídolo. Em alguns casos surgem paródias que retratam a realidade vivenciada no dia, ou apenas contos de sua realidade.

Os diários são ainda memórias contadas de forma narrativa. Nesse âmbito nos fala Aragão & Souza, 2011:

“Ao longo de seu percurso pessoal e única, (...) o indivíduo constrói sua identidade pessoal mobilizando referentes que estão no coletivo. Mas ao manipular esses referentes de forma pessoal e única, constrói, subjetividades também únicas. Nesse sentido a abordagem biográfica narrativa pode auxiliar na compreensão do singular/universal das histórias, memórias (...) formadoras de sujeitos em seus contextos, pois revelam práticas que estão escritas na densidade da história” (p.41)

As memórias são manipuladas para serem escritas de forma a transmitir significado a quem lê. São esses significados que se tornam narrativas redigidas por quem às viveu, e estudá-las, assim como nos argumenta Aragão (2011), “é o estudo da forma pela qual nós, os seres humanos, experimentamos o mundo”. Visto que quem escreve tem intenção para esse significado, afinal todas suas experiências não possuem o mesmo peso em sua concepção ao longo da vida. Há aquelas que marcaram mais, e as que já

quase foram esquecidas. Esse peso destaca muito os valores do autor dessas histórias. Uma vez que “na vida não há fatos, o que há são histórias” (Ribeiro, 2000, in Aragão & Sousa, 2011, p. 15)

Esses valores demonstram o sentido de suas buscas no presente, as memórias quando redigidas trazem ao escritor “a busca nas indagações do passado, as relações que os conformaram no presente e que permitem pensar em projetos futuros” (Aragão & SOUZA, 2011, p. 41). É como olhar para trás e entender o que nos trouxe até aqui, e compreender, ou simplesmente motivar o próximo passo. O professor, o pesquisador, então, passa a ser “um ouvinte sensível das experiências de quem olha, retrospectivamente, para sua vida procurando os sentidos de suas opções” (Aragão & SOUZA, 2011, p. 43). Essa sensibilidade é importante para que possamos conhecer aquele aluno, como o personagem de um conto que nos passa não apenas uma história vivenciada por alguém, mas também seus medos, seus anseios, suas alegrias, suas motivações. Os conhecemos pelas suas ações e pelo seu pensar.

5. ALGUMAS NARRATIVAS FICCIONAIS

5.1 DOIS TEMPOS, DOIS MUNDOS

Quem é? Quem foi? Quem será? São perguntas que permeiam a escrita do mais novo integrante da EJA. A professora pede para contar um pouco de si, quer conhecer os caminhos, os percalços e as alegrias até aqui. É diferente daquela escola antiga, em que a professora passava o conteúdo lá no quadro, falava um pouco e pedia para que todos respondessem.

Agora não, quando entra na escola, esse aluno não vê carteiras enfileiradas com um quadro negro lá na frente. O coração bate mais forte. É possível escutar o ritmo de suas batidas. Será que se enganou? Será que não é aqui uma escola?

Mas não demora muito vem aquela moça de sorriso farto, olhar alegre, jeitinho de professora. Sem muitos rodeios se mostra feliz por sua presença naquele ambiente desconhecido. Em poucos minutos professor e aluno estão conversando, não sobre as últimas descobertas da ciência, nem tão pouco sobre as fórmulas matemáticas e sua importância. Estão falando sobre a intrigante aventura da vida.

A vida! Como não mencionar a trajetória que os trouxe até ali. A cada nascer do sol, um novo caminho a trilhar, sua longa jornada pelos caminhos tortuosos do destino trazem histórias que se misturam em um magnífico livro. A escola da vida ensinou lições que o professor desconhece, mas este também trouxe assuntos que a vida não viu.

Como não mencionar o seu primeiro dia na escola, lá naquela época em que a mãe levava, eram todos pequenos e as carteiras pareciam mesas gigantes em uma sala apertada. O quadro negro era imponente, trazendo sempre os registros da dedicada professora que a cada dia ensinava aos alunos os registros e grafias de uma nova letra... Sílabas... Palavra. As frases se formavam no quadro e aqueles alunos dedicados traziam seus eficientes cadernos montados em dobraduras perfeitas do saco de compra da vendinha do interior. As fábricas “mães” decoravam o caderno de seus filhos, com suas próprias gravuras, em folhas marrons, manchadas pelas compras do mês passado.

Quando as folhas acabavam se apagava as lições antigas, para se anotar as novas. Afinal as compras se esticavam ao longo do mês. Mas o que o lápis escreve na alma, não se apaga da memória. Não era preciso anotar as lições que a professora passava entre uma conversa e outra. Ler e escrever era uma questão de repetição e com o tempo,

naquele caderno já marcado pelo lápis, se formava as primeiras palavras tão suas, já não era mais preciso copiá-las do quadro.

Uma vez escritas, permaneciam ali, gravadas em sua memória, que com o passar dos anos, o caminhar da história, ficou apenas na lembrança.

Mas como o mundo é sabido, não tão longe dali, mais para perto de outro tempo, outro aluno, esse mais descontraído, que gosta de pegar peças no amigo, precisa levantar cedo para ir para escola. Para quem jogou bola com os amigos até tarde, acordar parece uma tarefa difícil. A mãe insiste e lá vai ele. Entre uma piscada e outra, descobre as portas de uma boa escola, colorida com carteiras do seu tamanho, o quadro verde, reveza seus ensinamentos com o livro que a professora chama de: didático.

Seu caderninho, do Tom e Jerry, aos poucos é preenchido com suas letras rabiscadas e a caneta vermelha da professora. Não se pode esquecer da cartilha, aquelas folhas plastificadas, que traziam o silabário, e uma figurinha relacionada. Sempre tinha um poema.

Mas ao fim da manhã, correr para casa comer e trocar de roupa para então brincar a tarde toda, até o sol se pôr, era tudo que aquele aluno descontraído gostava. As letras rabiscadas, já não importavam mais. Importante mesmo seria o sonho de ser jogador de futebol. Saber escrever aquelas

palavras sozinho não era o mais urgente. Era preciso fazer gol, chamar atenção de um olheiro do Flamengo (quem sabe), que distraído, estivesse a passar por ali.

E assim, como o passar dos anos, aquela mochila cara e seus poucos cadernos foram diminuído até se apagarem em um canto do quarto, esquecido por outros sonhos mais urgentes.

Mas o tempo passa rápido demais, e nele se perdem muitos sonhos, se constroem tantos outros. Aqueles cadernos marrons, feitos na mais perfeita dobradura da sacola de compra, aos poucos são trocados por eficientes máquinas de costuras, e tantos outros utensílios utilizados na limpeza do lar. As palavras soltas lhe deram certa dignidade, já sabendo assinar o próprio nome, e ler uma ou outra frase, e hora de aprender outras lições. Não há mais tempo para o quadro negro, não será necessário copiar a receita. Aprender a cozinhar lavar e passar é uma lição que se aprende ao lado da mãe, junto aos serviços da casa.

Assim, a escola vai ficando longe, enquanto outras ambições se aproximam. O amor toma forma, em laços de famílias. É preciso cuidar dos filhos, torná-los dignos, estudados, trabalhadores. Em escolas mais bem estruturadas, seus filhos crescem a passos largos, junto se constrói a esperança do futuro, obra esta que é marcada pelo orgulho de ver os seus aprendendo as lições da escola, e pelos medos e

anseios de não poder auxiliar, como gostaria, pois a vida não lhe trouxe aquelas lições.

Mas o tempo passa tão rápido, os filhos que outra hora eram crianças, agora são homens e mulheres, homenageados em belíssimas cerimônias de formaturas. O orgulho e a certeza de um futuro melhor se misturam, com a certeza de que chegou a hora de voltar para a escola.

O tempo não passa apenas para uns, mesmo separados por décadas, as histórias se constroem com o passar do tempo, para aquele menino de sorriso solto, que tanto sonhou em ser jogador de futebol. Porém aqui o tempo parece sapatear por horas no mesmo lugar. A vida já não se mostra mais tão generosa.

Antes o sono era pesado, devido ao cansaço do jogo de futebol no fim da tarde, das brincadeiras na rua. Agora o sono se faz, depois de um tarde de trabalho, naquele bico que consegui para ajudar a pagar as contas. E se desfaz no baile funk, onde se encontram tantos amigos e conhecidos, toda quarta e todo fim de semana.

A vida se mostra árdua e ensina uma primeira lição: é preciso ser forte, saber lutar e escolher suas armas. A professora parece não entender, seu mundo se distânciadaquela que é ali seu aluno. A escola perde o sentido em um mundo marcado pela violência e pela falta de oportunidade.

Aquele menino, agora um belo rapaz, entra nas perturbações da adolescência, que não suficientes, são abaladas por balas perdidas e julgamentos de uma sociedade, que mais parece outro mundo.

“Todos vamos morrer”. Essa deve ser a segunda lição. Mas aprender a viver em um mundo, em que com toda família ali já é difícil, imagina agora, sem pai. Podia ser pior, se não fosse “aquela branquinha” que alivia a dor do vazio que se carrega no peito. Disseram-lhe que o que ele tá fazendo é errado. Mas parece ser esse o único prazer que ele tem em estar vivo, ninguém entende, e seria muito difícil apenas tentar explicar.

Caminhar pela vida é como tentar escapar de um imenso labirinto, uma vez que se pega a estrada errada, sair dela, e uma missão para poucos. Principalmente quando tantos já sabem que você não vai conseguir.

Tantos lhe disseram, “esse é um caminho sem volta”, por tantas vezes que até parece ser verdade. Mas de repente, aquele menino vê sua vida passar como um filme em sua mente. Seria como acordar de um sono profundo, recheado de sonhos e pesadelos. Quando se levanta, se depara com o espelho, percebe que já não é mais um menino, e sim um homem. Dentre muitas de suas obrigações está a de cuidar de sua família.

Seu irmão começa a receber informações que podem levá-lo para o caminho das drogas. Para quem perdeu o pai, perder o irmão seria o ponto final. Mas como impedir que esse destino se torne realidade.

É nesse momento, que duas vidas, de dois tempos se encontram. A anciã, com toda a experiência de uma vida construída e dirigida em prol da família. E um menino, que nunca quis ser homem, mas que teve a responsabilidade imposta, a ele muito cedo. E que lugar mais belo para esse encontro que uma sala de aula?

Essa já não é mais uma sala de aula qualquer, não há carteiras enfileiradas, e um quadro negro servindo de guia a se copiar. Aqui há uma roda, a oportunidade de aprender partindo de suas próprias curiosidades.

5.2 MENINAS, APENAS

Hoje ela se levantou. É dia de um novo recomeço. É o primeiro dia de aula, depois de tantos longe da escola. Em meio aquela escola peculiar, com mesas extensas dispostas em rodas, no lugar das carteiras enfileiradas, surge a primeira pergunta a ser respondida. Nela, as mais difíceis das tarefas, contar como foi sua trajetória.

Aquela menina nasceu a pouco mais de duas décadas, em um charmoso bairro da cidade. Filha de pai e mãe honestos e batalhadores aprenderam desde cedo que a vida era sofrida, embora soubesse ser generosa com aqueles que se dedicavam a ela.

Do mundo, nunca sentiu falta de nada, talvez apenas de limites em seus desejos. Sempre teve tudo o que quis: roupas, calçados, cadernos, celular, computador, internet, dentre outros desejos. Seus pais, embora com algum aperto, nunca lhe negaram nada, ao menos não em termos materiais.

Tinha lá suas responsabilidades. Estudava no período da tarde em um colégio público próximo de sua casa, logo havia tempo para fazer o almoço e faxina. Na escola, os deveres e trabalhos se acumulavam, em formas matemáticas extravagantes, as quais ela julgava quase demasiadas e desnecessárias. Estimulante mesmo era aquele rapaz, de olhos azuis, que sentava logo na carteira ao lado.

Não demorou muito para as amigas perceberem seus interesses pelo moço, e surgirem os primeiros “esquemas”, pedido feito e aceito, surge um novo casal nas esquinas da escola. Daquele namoro, muitas surpresas traçariam em sua vida novos caminhos. As fugas e os atrasos à aula se tornaram constantes, e repetitivos. Sem acesso ao conteúdo, notas vermelhas se acumularam e a reprovação pesou nem seu histórico escolar.

Já não fosse esse acontecimento, relevante o suficiente, surge no fim daquele mesmo ano, uma notícia ainda mais marcante. Sim, a linda menina de cabelo cacheado e olhos verdes, era agora uma futura mãe. Perguntou-se diversas vezes como pudera ter deixado aquilo

acontecer, justo agora. Se não por sorte, talvez por amor, seu namorado se tornou seu marido em uma singela cerimônia, realizada as pressas para esconder a barriga, que surgiria a qualquer momento.

Quem casa quer casa, e assim se fez, com alguma ajuda de seus familiares, aquele jovem casal da entrada em um humilde apartamento, nas proximidades da casa de seus pais. Ali, o garoto da carteira ao lado, seria agora o mais dedicado pai de família. Para sustenta-los sai em busca de emprego, e acaba por largar o colégio, e seu promissor futuro em uma universidade. Trabalhando o dia todo, sua felicidade é ver o desenvolvimento de seu primeiro herdeiro. A cada estágio um novo ânimo para seguir sua árdua caminhada.

E ela? Embora incentivada por seu esposo, não se vê animada o suficiente para dar continuidade aos estudos. Embora tivesse condições, afirma ser muito difícil continuar a frequentar aquele espaço durante a gestação. Com o nascimento do menino então, todas as possibilidades se anulam. O crescimento da criança gera a cada momento mais despesas, e a mãe se sente na obrigação de procurar uma forma de ajudar nas finanças. Surge a vaga na creche, e a possibilidade de fazer algumas faxinas, que se mostram lucrativas ao fim do mês.

Assim se passaram longos seis anos. E de repente bate um vazio, saudade daquele tempo, tão remoto, em que sonhar era possível.

Não muito longe dali, outra menina também sonhava, porém ela não trazia consigo tantas histórias, nem tantos amigos. Diferentemente, ela nasceu em um bairro pobre da cidade. Pegava duas conduções para chegar à escola, portanto precisava acordar muito cedo. Movida pela distância, comia qualquer coisa, a qualquer hora. Tais hábitos geram quilos a mais, desviando-a dos considerados padrões de beleza formulados pela sociedade.

Chegar até ali lhe exigiu muito esforço. Já havia perdido a conta de quantos apelidos recebeu ao longo de seu percurso escolar. Ela sentava-se sempre na última fileira, no canto mais escondido. Era ali um refúgio quase seguro, de onde era possível ver os grupinhos formados pelos alunos mais populares da escola. Como eram eles, tolos e adoráveis. Como queria aquela menina, ser por um dia assim também.

Mas bastava um sinal sonoro ser emitido, para ser necessário abandonar seu refúgio, e ser novamente vista por tantos que não eram capazes de percebê-la. Vinham então os insultos e as brincadeiras de mau gosto. Surgiam os apelidos, sempre novos e corriqueiros que se espalhavam pela escola.

Era assim conhecida por todos, e nem assim seria um pouco popular.

Certa feita, já cansada de tanto ouvir sem poder, ou saber, responder saiu correndo daquele lugar, para nunca mais voltar.

Era esse o início de uma nova caminhada, trilhada as margens da depressão e da solidão. Evitava sair de casa, pois não pretendia ser vista, faltava-lhe confiança. Mas ela tinha um dom, e ele resolveu se dedicar. O artesanato virou paixão, conciliado a produção de joias, tornou-se um negócio lucrativo. Assim levou a vida ao longo desses seis longos anos.

Mas sem estudo o que somos nós. O desejo de se aperfeiçoar tornou-se um dilema. Um curso superior seria agora uma meta, mas antes havia uma temida caminhada pela frente. Um público conhecido, embora nunca visto antes.

Mas que surpresa teve aquelas duas meninas, agora mulheres, quando se deparam com uma sala de aula tão diferente. A oportunidade de conciliar o prazer da descoberta, com seus assuntos de interesse e seus horários disponíveis. A satisfação de dividir histórias absurdamente

semelhantes, para aquelas que tiveram uma vida aparentemente tão diferente.

Seria esse então, não apenas um novo começo, e sim uma nova oportunidade. De rever valores e refazer amigos. Levantar velhos conceitos, quebrar antigos tabus. Trazer a tona discussões tantas vezes mencionadas e tão pouco discutidas. Há de ser, o início de uma longa amizade.

5.3 TEMPO DE ESCOLA

Quando se volta a estudar, depois de tantos anos longe da escola, é quase impossível não se lembrar dos bons e velhos tempos. Quando garoto, a cidade grande era um mundo desconhecido observado apenas através do precário televisor da família.

Em uma pequena cidade, no interior do estado crescia um menino feliz, castigado e honrado pelo trabalho no campo. Até certa idade, suas obrigações se dividiam entre a escola e ajudar sua mãe nas atividades domésticas e/ou na manutenção do jardim e da horta. Com o passar do tempo, surge a possibilidade de realizar alguns trabalhos remunerados no período da tarde. Com isso, surge a primeira movimentação financeira, a possibilidade de ajudar a família nas contas do mês, e ainda seria possível guardar “algum” para seus próprios desejos.

Não seria o homem movido pela ambição? O decorrer dos anos torna o trabalho lucrativo, pesado, cansativo. Dentre as primeiras realizações está a de ser um rapaz novo, e já ter nas costas o cargo de braço direito. Apesar de pouca idade é agora “encarregado” por toda aquela fazenda em ascensão. Se não fosse a escola no primeiro período do dia, o salário seria maior, o dia mais lucrativo.

Nesse momento, um jovem menino toma uma das decisões mais difíceis de sua vida. Mesmo a contragosto de seus pais, ele acaba por sair da escola, interrompendo seus estudos em prol de seu trabalho. Afinal, o patrão não precisa de ninguém com estudo, e sim de gente com vontade de trabalhar.

Não seria estranho que, com tanto esforço, em poucos anos, se adquira uma moto, compre suas próprias roupas e sapatos, além de pouco improvável que as moças não se interessem por tão promissor partido. Assim se constrói uma história, desenhada por uma semana de trabalho árduo, no sol escaldante da lavoura seguida por finais de semana em badaladas festas regadas a álcool e mulheres. “... Quem tem vida dura e a ideia madura, um trago de cura a alma palpita...” já dizia a letra da música de seu tempo.

Mas a idade chega para todos e, ao olhar para trás, é possível perceber que embora sua história seja muito bonita, muito se perdeu ao longo da vida. O estudo não feito seria

sim uma realização sua e não de seu patrão. É mediante sua família, frente a seus filhos amados, dê repente percebe que ainda ha tempo de recomeçar. Diante dos netos, percebe que a idade está nas batidas do coração, enquanto isso escuta aquele velho coração bater com a veracidade de um jovem desbravador de novos mundos.

6. LINHAS INCONCLISIVAS...

Escrever, por si só, é uma tarefa muito difícil. Permitir que minha escrita se tornasse a escuta/espço dos que não são ouvidos é ainda mais desafiador. Tais enigmas se tornaram, ao longo desse trabalho, uma de minhas maiores motivações e também angústias. Como escrever, sem expor, mas ao mesmo tempo trazer a conhecimento público, histórias tão ricas e tão bonitas.

Conhecer o outro, navegar por suas vidas e traçados, me parece uma emocionante e surpreendente viagem pelo mundo da alma humana. Nessa aventura foi possível se surpreender com a mágica do tempo que transforma vidas. A força do querer, ao desviar os rumos do destino anteriormente traçado. O prazer da descoberta de novos mundos, conhecimentos, inexplorados em vidas de cidadãos desconhecidos ao grande público que, unidos, marcharam ao longo da história de nosso imenso Brasil, ajudando a escrevê-la.

Os motivos da evasão escolar são muitos, assim como os que movem esses mesmos alunos a voltarem para a escola. Mas em todas as narrativas há um ponto em comum: o amor pela vida, o prazer na descoberta. Essas pessoas não são esquecidas, nem tão pouco uma pequena minoria de um país escolarizado. São seres que no decorrer de suas vidas,

optaram por este ou aquele caminho, tomaram decisões difíceis, mudaram seus destinos baseados nos mapas traçados pelas circunstâncias.

São homens e mulheres de força e coragem, que tem muito a ensinar. Elas transformaram as dificuldades do dia-a-dia (as quais todos temos) em combustível para seguir em frente. Muito deixou de ser escrito em seus cadernos, porém tanto se escreveu em sua alma. Escrituras essas, que tantos alunos regulares, nunca saberão o que significam.

7- REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Rosália M. R., SOUZA, Elizeu Clementino de., **Formação e Docência: Perspectiva da Pesquisa Narrativa Autobiográfica**. Belém CEJUP, 2011.

BARCELOS, Valdo. **Educação de Jovens e Adultos, Currículos e Práticas Pedagógicas**. Petrópolis, RJ: vozes 2010.

BARRETO, José Carlo Vera. **Um sonho que não serve ao sonhador** – Construção coletiva: contribuições a educação de jovens e adultos. Coleção educação para todos, UNESCO – 2006.

NOGUEIRA, Giovani Cavalheiro. **O Sistema Avaliativo na EJA da Prefeitura Municipal de Florianópolis**. Florianópolis/SC 2007

OLIVEIRA, Gilvan M. **Interesse Pesquisa e Ensino: Uma equação para a educação escolar no Brasil**. Prelo – Gráfica e editora Ltda. Florianópolis, 2004.

REIGOTA. Marcos. **Ecologistas – Da etnografia às narrativas Ficcionalis**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC - 1999.

